

Micro-História como ferramenta de pesquisa para acesso à antiguidade cristã

Francisco Benedito Leite¹

Resumo

Este artigo pretende apresentar a micro-história e a possibilidade de sua aplicação nas pesquisas de Antiguidade Cristã, em contraposição aos tradicionais métodos teológicos como a patrologia e a história do dogma.

Palavras-chaves: micro-história, antiguidade cristã, patrologia, patrística, Carlo Ginzburg.

Abstract

This article intends to present the micro-history and the possibility of its applications in the researches of the Ancient Christianity, in contraposition to the traditional theological methods as the patrology and the dogma's history.

Key words: micro-history, Christian antiquity, patrology, patristic, Carlo Ginzburg.

¹*Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oráculos; membro da Igreja Batista Boas Novas em Jundiá; e-mail: ethnosfran@hotmail.com*

1. A micro-história

Conforme a descrição de Henrique Espada Lima, em *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades* (2006, pp. 21-55), essa metodologia surge na Itália e seus precedentes estão relacionados com uma tentativa de fuga da bipolaridade, do ambiente acadêmico e intelectual italiano do pós-guerra, representado, de um lado, pelos partidos comunistas e socialistas; e do outro, pelo conservadorismo-liberal e pelos democrata-cristãos.

Fora dos eixos e dos centros intelectuais de grande prestígio como Turim, Roma e Bologna, estava a *Facoltà di Economia e Commercio da Università di Urbino*, na cidade portuária de Ancona, posição que lhe permitiu um debate entre os diferentes posicionamentos da história e das ciências sociais. Ali surgiram os *Quaderni Storici*, a partir de 1966, uma revista acadêmica fundada por Alberto Caracciolo, na qual estiveram as primeiras discussões de micro-história.

Cabe ressaltar que a micro-história não se afirma como uma escola, mas como uma proposta, uma forma de abordagem, que a princípio discutia os métodos e procedimentos da história social e logo após passou a ser aplicado no contexto italiano.

Os diálogos com marxistas ingleses, como Edward Palmer Thompson e Eric Hobsbawm, foram importantes para os primeiros micro-historiadores, que apesar de assumirem a influência destes, estavam mais relacionados com a *Escola dos Annales francesa*, devido à sua pretensão de “não idealizar a história”; assumindo principalmente a herança de Marc Bloch, que através de seu texto *Reis taumaturgos*, escrito em 1924, foi o primeiro a afirmar a importância de idéias populares, geralmente dependentes de fontes orais e folclóricas para o ambiente político mais amplo. Tema que seria característico da micro-história.

A fama e o prestígio da revista acadêmica levariam à edição da coleção *Microstorie*, publicada pelo editor Einaudi, entre 1981 e 1988, sob a direção de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi. A partir de então, com a tradução dos livros para diversos idiomas, a micro-história italiana tornou-se famosa em toda Europa e Estados Unidos, e de forma mais lenta, mas crescente, também no Brasil.

A micro-história não se resume ao que está presente nessa coleção de livros. Pelo contrário, ela adquiriu certa autonomia e passou a adquirir características singulares em cada

estudioso que a utilizou, devido a sua proposta interdisciplinar e também, como já mencionado, por não se constituir uma escola, mas sim, um método.

1.1. Principais características da micro-história

Devido à fertilidade e pluralidade metodológica dos micro-historiadores, existe uma permanente confusão quanto a sua definição, que não se resume apenas em “pesquisas com delimitações temáticas extremamente específicas”, muito embora essa seja uma das características principais, pois partem da seguinte idéia:

“(…) de que se pode revelar muito olhando com atenção para um mesmo lugar onde aparentemente nada acontece, sugere, se não um procedimento, ao menos a qualidade de uma observação ou de uma perspectiva frente aos objetos de análise. Uma atitude intelectual que se alimenta da convicção de que o olhar através do microscópio, o interesse pelo minúsculo – ou ao menos, no limite, pela miudeza, ou por aquilo que mais facilmente se negligencia –, pode revelar dimensões inesperadas dos objetos e, com sorte, perturbar convicções arraigadas no domínio da história” (LIMA, 2006, pp. 13-14).

Micro-delimitar o tema não significa um recorte breve, tampouco significa a análise de uma pequena região, nem como comumente se pressupõe, um estudo de caso. Ao invés de tudo isso, “o que Micro-História pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos” (BARROS, 2007, p.169).

Ou seja, uma pesquisa estritamente delimitada, não no sentido geográfico ou temporal, mas sim no que diz respeito a seu tema, ainda que este tema possua raízes profundas e ramos que se alcem para longe.

Apesar da pluralidade de métodos, é possível descrever mais duas características presentes em todos os micro-historiadores, além da delimitação específica. A primeira delas é a multidisciplinaridade que se manifesta desde seu surgimento nos *Quaderni Storici*, que a

princípio era mais uma discussão metodológica, do que propriamente uma abordagem. Seu objetivo era discutir a relação da história social com as demais ciências sociais, como a economia, a demografia e a antropologia.

Quando a micro-história deixou de ser uma discussão metodológica e passou a ser aplicada, foram geradas críticas devido ao seu ecletismo, um crítico a intitulou como “história com aditivos”, e outros afirmaram que “ela rompeu com o estatuto científico e invadiu o território da literatura”.

Diante das críticas, os próprios micro-historiadores estavam conscientes de seu ecletismo metodológico, mas destacam seu lado positivo, pois, segundo eles, há uma necessidade intrínseca de relacionar a história com outras disciplinas, principalmente com a antropologia. Afirmam que a interdisciplinaridade permite que a história deixe de ser vista como um processo de sucessão no tempo, que objetiva uma meta e que pode ser analisada em sua amplitude, já que diferentes disciplinas são capazes de mostrar um mesmo elemento - por pequeno que seja - a partir de vários pontos de vista diferentes, e conseqüentemente, visar a infinitos pormenores no interior de um sistema, que o fazem incoerentes e impossíveis de serem analisados teleologicamente.

A outra característica, que é particularmente interessante para o ambiente acadêmico Latino-Americano, é a atitude que os micro-historiadores intitulam como *from below*, que é o interesse pela cultura oral das classes subalternas ao invés dos setores elitistas.

Na América Latina, desde o desenvolvimento da Teologia da Libertação, na década de 1970, passou-se a dar grande ênfase em fazer teologia a partir da realidade social da pobreza. Segundo Leonardo Boff e Clodovis Boff: “a Teologia da Libertação encontra seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres” (2007, p.15). Realidade que sempre fora ignorada pelos intelectuais do hemisfério norte por não compartilharem dessa situação. Essa atitude teve ampla repercussão e invadiu outras disciplinas acadêmicas, como a educação através de Paulo Freire, e a política, através de Enrique Dussel.

Entretanto, essa atitude sempre foi tomada com base no marxismo, que tem uma visão por demais generalizante da história, segundo a qual na história são realizados movimentos por demais mecanicistas. E, que na maioria das vezes, devido ao método,

abrangerem todos os sistemas, torna-se possível que a resposta seja obtida de antemão à pesquisa.

Uma análise das classes subalternas através da micro-história supera os defeitos metodológicos do marxismo que são cada vez mais evidentes desde o surgimento da *Escola dos Annales* e também supera o rancor classista de alguns intérpretes da Teologia da Libertação.

1.2. A metodologia de Carlo Ginzburg

Conforme afirmado acima, a micro-história apresenta uma abertura metodológica que proporcionou uma pluralidade de abordagens quase singular ao número de micro-historiadores, por isso se torna necessário descrever, um autor em particular, o qual se dedicou mais diretamente à pesquisa religiosa. Trata-se do historiador e antropólogo italiano Carlo Ginzburg (Turim, 1939).

Além das características comuns aos demais micro-historiadores, Ginzburg se tornou célebre devido às metodologias e aos conceitos que ele desenvolveu e, que se tornaram revolucionários e amplamente difundidos, destacados, principalmente, devido a seu ecletismo e sua interdisciplinaridade.

Embora seja abrangente seu campo de pesquisa, duas de suas metodologias serão destacadas por serem mais sugestivas às pesquisas relacionadas com ciências da religião, são elas; “o paradigma indiciário” e “a circularidade da cultura”, as quais estão intimamente relacionadas.

O paradigma indiciário é a radicalização de um saber que se contrapõe de um lado ao racionalismo, e do outro, ao irracionalismo, como Ginzburg apresentara em seu artigo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (2001, pp.143- 179). Ali demonstra a aplicabilidade de um método detetivesco à história, que se assemelha à psicanálise de Freud, à semiótica dos médicos, a argúcia do crítico de arte Giovanni Morelli e a astúcia investigativa do personagem Sherlock Holmes de Conan Doyle.

A característica comum dos saberes dos personagens referidos acima, é que todos partem de indícios, como as formas de sabedoria popular, como a do pescador e a do caçador, dentre outros. Esse paradigma indiciário é, naturalmente, a forma de sabedoria popular, à qual

uma outra forma de conhecimento vem se opondo desde que Platão a elaborou, e vem sendo representada, ao longo da história, por epistemologias sistematizantes, como o positivismo e o marxismo contemporâneo.

Nesse método o que importa não é a leitura sistemática ou heurística, nem a pesquisa de elementos auto-evidentes que foram propositalmente destacados pelos seus autores em suas obras de artes ou nos demais objetos de pesquisas. O que importa nesse método é destacar elementos, que até então, foram ignorados devido a sua sutileza e aparente insignificância, da mesma forma que o crítico de arte Giovanni Morelli analisava a autenticidade dos quadros, olhando para as orelhas e para as unhas nos retratos; ou como Sherlock Holmes que prestava atenção nas bitucas de cigarros e nas pegadas próximas ao lugar do crime; ou como Freud, que nas sessões de psicanálise se agarrava aos “atos falhos” de seus pacientes, para descobrir a origem de suas neuroses. É justamente através desses elementos que se torna possível a construção de um modo de fazer pesquisa, que vem se desenvolvendo silenciosamente desde o fim do século XIX, embora não tenha recebido atenção antes do artigo escrito por Ginzburg.

Extremamente relacionado com o paradigma indiciário, está a ideia de Ginzburg a respeito da “circularidade da cultura”, a qual, conforme ele mesmo assume no prefácio de seu livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1997); relaciona-se com a pesquisa já realizada pelo pensador russo Mikhail Bakhtin, que segundo José D’Alencar Barros “é de certo modo um dos pensadores que abriram a possibilidade de examinar a cultura como algo plural” (2007, p.172), pois em seu livro *Cultura popular na idade média e no renascimento* (1985), Bakhtin demonstrou a polifonia dos registros discursivos que podem estar escondidas em um texto ou enunciação (BARROS, p. 172) e a movimentação da cultura que não está presa a classe social, e chega a vagar até longas distâncias geográficas.

Assumindo as teorias bakhtinianas, Ginzburg se contrapõe a idéia, tradicional em sua época, de que existiam dois níveis bem delimitados de cultura: um erudito e um popular, sendo que só o primeiro era autenticamente cultura criativa. Contrariando essa afirmativa, Ginzburg afirmou a “circularidade da cultura”, através de sua pesquisa sobre o processo inquisitorial de um moleiro acusado de heresia, que foi publicada como: *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1997), onde demonstra um

homem humilde longe de ser um intelectual, mas que está cheio de idéias tradicionais a outros grupos com os quais não manteve contato.

Cabe ainda ressaltar que essa metodologia não é rígida, e que justamente por isso, permite certa autonomia e liberdade de adaptação a cada um que a utiliza. Assim, Maria Aparecida Santos em sua resenha sobre *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, apresenta que o mesmo pode ser afirmado a respeito de toda a micro-história: “De acordo com as afirmações do autor podemos concluir que, no que diz respeito ao paradigma indiciário ‘Trata-se de formas de saber tendencialmente mudas – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas’ (p 179)”

2. Aplicação da micro-história à antiguidade cristã

Não é novidade a aplicação da micro-história às pesquisas interessadas em religião, pois esta atitude já foi tomada por Ginzburg em pesquisas que se tornaram célebres, como o já referido *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*, e também uma pesquisa interessada na feitiçaria do período medieval, intitulada: *História noturna: decifrando o sabá* (1991), e no artigo: *Feitiçaria e piedade popular: notas sobre um processo modenense de 1519* - onde novamente realiza uma pesquisa sobre um processo inquisitorial – e também no artigo: *Freud, o homem dos lobos e o lobisomem* - onde propõe uma nova causa para a neurose de um dos pacientes do célebre psicanalista.

A questão a ser destacada é que Ginzburg sempre teve, como preferência, em seus objetos de pesquisa, pessoas relacionadas com as classes subalternas, como era o caso de Menochio de *O queijo e os Vermes* e Chiara Signorini de *Feitiçaria e piedade popular*, pessoas comuns, como era sugerido pela proposta tradicional que os micro-historiadores intitularam como *from below*. Assim, ele, propositalmente, não analisou as figuras e os eventos considerados majoritários e influentes pelos historiadores tradicionais, como por exemplo, a Reforma Protestante e seus representantes, contemporâneos ao período do moleiro Menochio e da camponesa Chiara Signorini. Pois desde a *Escola dos Annales*, o eixo da história vem deixando de ser os chefes, gerais e líderes.

Dessa maneira, nunca um célebre teólogo medieval ou da antiguidade, fora estudado sob o método da micro-história, devido a estar fora do círculo de pessoas comuns das

classes subalternas. Contudo, essa atitude não seria contraditória às propostas da micro-história, no que diz respeito à antiguidade cristã. Pois, uma vez que no mundo antigo (antes de 425 d.C.) o cristianismo era uma religião minoritária e seus líderes, predominantemente das classes subalternas. Portanto, toda a literatura cristã escrita antes da oficialização do cristianismo, como religião oficial do Império Romano, está enquadrada no requisito *from below* da micro-história.

A análise da antiguidade cristã, através da micro-história, seria um avanço significativo para a pesquisa científica. Esta libertaria os estudantes de teologia e demais interessados no assunto, das predominantes descrições dogmáticas dos pais da igreja e de seus ensinamentos, da maneira como se perpetuou, até então, através dos *Manuais de Patrologia e de História do Dogma. Patrologia* ou *patrística* é o título da disciplina que estuda a vida e a obra dos pais da Igreja, seus critérios são totalmente idiossincráticos, como por exemplo, a forma de definir um pai da Igreja. São três critérios: 1º santidade de vida; 2º antiguidade; 3º reta doutrina. Esses critérios excluiriam, dessa categoria, Orígenes de Alexandria, por muitos motivos, assim como os demais cristãos não católicos como arianos, coptas e siríacos.

Como a exemplar figura de Ulfilas, que apesar do grande legado que deixou – evangelizando a Germânia durante o século IV d.C. e sendo o primeiro responsável por uma tradução da Bíblia toda para um idioma vernáculo, que temos notícia – no entanto, não pode ser considerado um Pai da Igreja devido ser ariano.

O principal desses manuais de patrologia foi organizado pelo teólogo católico alemão Johannes Quasten, na década de 1950. Constitui-se de três volumes, os dois primeiros escritos por ele e o terceiro pelo italiano Ângelo di Berardino, e desde então, este passou a ser destacado como modelo em seu gênero, tendo sua importância apontada tanto nas bibliografias católicas (HAMMAN, 2002, p.1106), como nas protestantes (MCGRATH, 2005, p.41). A obra de Quasten superou as demais e alcançou ampla aceitação.

Os católicos sempre predominaram nessa área de estudo, pois veem nessa disciplina a possibilidade de afirmar a unidade da Igreja, como ficou claro na recente obra de Bento XVI *Los Padres de la Iglesia: de Clemente de Roma a San Augustin* (2008). Luis Cabalero em sua resenha desta obra afirma o seguinte:

“A introdução a esta edição das audiências do Papa ajuda a captar o mais profundo dos textos: trata-se de explorar o plano original da Igreja, enraizada na teologia de comunhão. Neste contexto os Padres da Igreja são testemunhas-chave desta realidade e, mais especificamente, os dos primeiros séculos, momento em que a Igreja ainda não havia sofrido a fratura das divisões”. (2009, pp. 279.280)

Pelo lado protestante, ganhou prestígio singular *The History of Dogma*, do teólogo protestante alemão Adolf von Harnack (1851-1930), reconhecido como um dos mais importantes historiadores do cristianismo de todos os tempos. Contudo a história descrita por Harnack, a pensar de seu tom altamente crítico, é a história dos vencedores. Influenciados pelo hegelianismo, Harnack destaca os processos dialéticos das diferentes facções do cristianismo que são seguidas pela síntese, além disso, a minúcia descritiva de suas teorias dá um tom altamente fantasioso, ou no mínimo inacessíveis, às suas preposições, das quais já foram superadas quase todas.

Além da estagnação proporcionada por essas duas correntes interpretativas da antiguidade cristã, o que prejudica o desenvolvimento dessa área de estudos é o desinteresse de estudiosos, que não pertencem ao círculo teológico, pelos documentos cristãos. Particularmente no Brasil prevalece nos estudos da Antiguidade Clássica, um pressuposto que não concede aos escritos cristãos antigos o status de documento clássico, devido a sua escrita em grego koiné, e a seu gênero. Tudo isso faz com que a antiguidade cristã permaneça longe da academia e aprisionada por interesses dogmáticos que fazem parte da manutenção de um passado idealista e preconceituoso.

Diante desses fatos, apresenta-se uma tarefa colossal, diante da quantidade de literatura e do lento avanço na pesquisa, mesmo nos países de primeiro mundo.

A micro-história parece sugestiva para acessos a essa vasta literatura. Através das três atitudes metodológicas de Carlo Ginzburg descritas acima – “o paradigma indiciário” e “a circularidade da cultura” – dentre outras possíveis de outros micro-historiadores, ou através de outros métodos atualizados.

Portanto, só assim, por exemplo, Clemente de Roma poderia deixar de ser visto como um papa e passaria a ser visto como um escravo liberto, membro de uma religião minoritária do Império Romano. *O Pastor* de Hermas deixaria de ser tratado sobre a penitência para ser um manifesto de um cristão a respeito do assunto. Assim como Irineu de Leão deixaria de ser o “pai da teologia dogmática”, para ser apenas o representante da ala vencedora das brigas entre as facções cristãs. E, talvez, Marcião de Sinope, Montano da Frigia, Valentim de Roma, Ulfilas, dentre outros, alcançassem o status de Pai da Igreja.

Um lento e minucioso acesso aos documentos cristãos representaria uma reviravolta nas concepções do cristianismo antigo. Porém, devido ao atual cenário acadêmico brasileiro, isso parece não passar de uma utopia, já que seria necessário começar do zero. Contudo, prevalece o aviso da necessidade dessa empreita e o convite para o público acadêmico.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1985.

BOFF, Leonardo; BOFF Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação – 9ª edição*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição – 9ª edição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história – 3ª edição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *História noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HAMMAN, Adalbert. *Verbete: “Patrologia- Patrística”*. In: BERARDINO, Ângelo Di. *Dicionário Patrístico e de antigüidades cristãs*. Petrópolis / São Paulo: Vozes / Paulus, 2002, pp. 343-344.

HARNACK, Adolf Von. *History of dogma – VOL. I, II e III*. Eugene: Wipf & Stock, 1997.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

QUASTEN, Johannes. *Patrología - VOL. I, II e III*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1961.

WEBSITES

BARROS, José D'Assunção. *Sobre a feitura da micro-história* In: OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/viewFile/9336/6428> Acessado dia 13 de dezembro de 2010.

SANTOS, Maria Aparecida. *Resenha do artigo de Carlo Ginzburg "Sinais: raízes de um paradigma indiciário"*. Disponível em <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/sinais.pdf> Acessado dia 13 de dezembro de 2010.

CABALERO, Juan Luis. *Resenã del libro: Los Padres de la Iglesia. De Clemente de Roma a san Agustín*, Ciudad Nueva, Madrid 2008. SCRIPTA THEOLOGICA 41 (2009/1). Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/355/35512039051.pdf> Acessado dia 13 de dezembro de 2010.